

# TRAÇOS DA GEOGRAFIA NA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA CHINA E NA IDADE MÉDIA EUROPEIA

*Nilson Crocia de Barros<sup>1</sup>*

## **Resumo**

O trabalho aborda experiências históricas de construção do pensamento e dos artefatos geográficos na China histórica e na medievalidade europeia. A circulação de técnicas geográficas entre centros imperiais e culturais é examinada. Cosm visões ou representações interpretativas gerais sobre as relações entre a sociedade e o meio geográfico são apreciadas.

**Palavras-chave:** geografia histórica, teoria geográfica, idade média

## **Abstract**

The present work focuses on the historical experiences of the construction of the geographical thought and its resulting cultural artifact in historic China and in the European Middle Age. The diffusion of geographic techniques among imperial and cultural centers (cores) as well as general appreciations on the relationships between humanity, their Cosmo visions and environment are presented.

**Keywords:** historic geography, geographical theory, middle ages

## **Introdução**

Iniciativas de reflexão sobre a própria disciplina envolvem dificuldades, das quais se pode mencionar a fidedignidade das fontes, o desaparecimento dos materiais das épocas em foco, além, naturalmente, de conhecimento da natureza contemporânea da disciplina (Barros, 2004, p.77). Mas, a iniciativa de historiar a disciplina se justifica, pois este exercício joga luz sobre os problemas contemporâneos da Geografia. Os historiadores da disciplina reconhecem como Paul Claval (2002, p.12), que o trabalho geográfico atual não difere muito dos padrões encontrados em outras experiências históricas. O presente artigo aborda, com objetivos mais didáticos e orientados para ensino superior da história da disciplina, alguns aspectos das experiências práticas, dos temas e das idéias presentes na Geografia na China histórica e na Idade Média europeia. Assim como em artigo anterior (Barros, 2004), procura-se combinar elementos contextuais e propositivos de exercício historiográfico.

## **1. A China e o conhecimento geográfico**

Historiadores da Geografia na China afirmam em geral que a disciplina era nesta civilização caracteristicamente astronômica/astrológica e cartográfica, marcada por um cuidadoso registro dos calendários agrícolas. O primeiro documento produzido na China, e reconhecido usualmente como geográfico, é datado do século V aC. Este trabalho é uma

---

<sup>1</sup> Professor de Geografia na UFPE; Doutor em Geografia (1987, USP) e Professor Livre-Docente USP (2004).

espécie de inventário do Império Chou principalmente em termos de acidentes físicos, produção agrícola e cursos d'água, evidenciando a orgânica relação entre emergência do trabalho geográfico e o desenvolvimento e expansão das civilizações. Existem outros documentos, espécies de guias de viagens produzidos no século IV aC, onde se misturam,

como em Homero, mitologias e descrições (Needham e Wang Ling, 1970, cit. por Unwin, 1992, p.55).

A produção geográfica realmente mais aproximada do modelo formalizado por Ptolomeu vem a acontecer alguns séculos depois, e contemporaneamente às contribuições deste. É muito provável que estas similaridades tenham resultado das difusões acontecidas no contexto da expansão comercial da China, expansão sob o domínio da dinastia Han (140-86ac). O Imperador Wu-ti, desta dinastia, e em torno do ano 100 aC, abriu e intensificou as rotas da seda entre a China e o Mediterrâneo (Hermann, 1968, p.4111, v.I), e por certo isto facilitou os intercâmbios culturais e de idéias entre o mundo oriental e o greco-romano. Conseqüência destes contactos pode bem ter sido o caso da escola Hun Tien, no século 2 dC, cujos pensadores representavam a Terra como um globo em torno do qual giravam as esferas celestes, tal como os gregos também imaginavam. No século III dC registra-se o trabalho de Phei Hsiu (224-271 dC), trabalho que deve provavelmente ter assimilado do mundo greco-romano o método cartográfico das coordenadas geográficas.

Como em todos os lugares, os imperialismos estimularam as variadas habilidades usualmente incluídas sob o nome de Geografia, e na China não foi diferente. Muito importantes como estímulo e sustentação dos trabalhos geográficos na China foram as conquistas e gestões imperiais das dinastias Tang (618-907 dC)<sup>2</sup> e Sung do Sul (1127-1279 dC), isto simultaneamente à medievalidade européia e à dominação do Islam. A qualidade cartográfica e descritiva destes trabalhos rendeu-lhes a reputação de serem superiores aos trabalhos medievais europeus. No começo do século 14, Chu Ssu-Pen (1273-1337 dC) reuniu todas as informações cartográficas disponíveis e produziu um impressionante mapa da China e do mundo circundante. O artefato era, na realidade, uma espécie de mapa-mundo chinês, considerado superior aos produtos cartográficos europeus que lhe eram contemporâneos. É justamente neste mapa que, ainda no começo do século 14 e pela primeira vez na história da cartografia, mostra-se a África como um triângulo orientado para o sul do Mediterrâneo. Os mapas árabes e europeus de então ainda apresentavam a África apontando para o oriente, embora Al Masudi no século 10 tenha já levantado dúvidas de que a África ligava-se ao Sudeste Asiático por terra (Kimble, 2005, p.63).

## 2. A geografia na Europa medieval

A *Geographia* de Ptolomeu dominará a mentalidade geográfica na Europa por toda a Idade Média, tal como a Geografia no mundo islâmico ou no oriente não lhe será dessemelhante. Por certo os conhecimentos corográficos, os mapas e os princípios das coordenadas circularam do oriente para ocidente e vice-versa, e as observações corográficas se tornaram mais próximas dos fatos em alguns casos e mais distantes em outros, dependendo dos avanços, recuos e trajetórias das interações comerciais e políticas.

---

<sup>2</sup> Tang conduziu a China a uma expansão comercial que se estendeu do Mar Amarelo até o Volga, tendo assumido o poder no ano de 618 dC (Hermann, 1968, p.412, v.I).

Os normandos, entre eles os vikings, nos séculos 8, 9 e 10, depois de explorarem e colonizarem o Mar do Norte teriam chegado ao norte da América, evento este de natureza apenas lendária, tal como a circunavegação da África que teria sido realizada pelos navegadores fenícios no século V aC. Missões religiosas cristãs de conversão foram enviadas às cortes da China nos séculos VII e VIII – com menor intensidade após o decreto imperial chinês de 845 dC que proibia o Cristianismo, e mesmo o Budismo, na China (Hermann, 1968, p.412, v.I). No século 13, missões para obter auxílio na luta dos cristãos contra os muçulmanos foram enviadas da Europa para a Ásia dos Mongóis – o domínio mongol estendia-se da Rússia à China, exceto Índia e Próximo Oriente. É o caso das missões do franciscano Pian de Carpine em 1245, e de Guilherme de Rubruck em 1252 (Clozier, 1972, pp.39-45), das quais resultaram descrições corográficas sobre a Ásia. Mas as cruzadas, não indo longe do mundo percorrido pelos europeus, apenas mantinham o conhecimento existente.

Marco Pólo, contudo, representa uma expansão notável do horizonte geográfico europeu no século 13. Nos interesses do comércio veneziano, Pólo viajou extensivamente para o Oriente e deixou a obra *O Livro das Maravilhas*, cuidadoso registro das regiões, da economia, das rotas de viagem (vias) e cidades e centros comerciais da China, Mongólia, Índia, Iraque, Irã, etc, por onde despendeu viajando 26 anos da sua vida. A princípio tido como muito fantasioso, depois veio a ser reconhecido como um notável trabalho corográfico, especialmente sobre a China e suas cidades. No Prólogo ao *Livro das Maravilhas* Marco Pólo oferecia o trabalho a todos os que “*desejam conhecer os hábitos da raça humana nas várias partes do mundo*”, e conclamava: “*o leitor deve estar preparado para acreditar em tudo deste livro, pois tudo é verdade*” (*The Travels of Marco Pólo*, p.9). No Capítulo 4, Pólo descreve o Japão: “*é uma ilha no meio do oceano, a 1.500 milhas do continente...seus habitantes possuem pele branca e belas maneiras. São idólatras e independentes, não reconhecendo senão seus próprios chefes*” (*The Travels of Marco...p.140*). Marco Pólo ditou seu livro para o escriba Rustichello de Pisa enquanto estava preso (1298).

Mas de tudo isto não restou nenhuma consequência na formação da disciplina quanto a progressos científicos formalizados e técnicos, apenas uma melhoria nos reconhecimentos corográficos. Para muitos, a elevação do cristianismo à posição de religião oficial do estado romano no século IV, por determinação do Imperador Constantino, teria criado as condições iniciais para que o cosmopolitismo romano e o naturalismo e politeísmo gregos acabassem erodidos pelo exclusivismo católico, o que teria se propagado pela medievalidade européia. O fato é que aconteceu um vácuo de poder cosmopolita e imperial, que veio a ser preenchido por feudos e desunificações, o que formou um solo de modo algum fértil para nutrir uma boa Geografia.

Notável evidência de suporte a esta hipótese é o pensamento anti-geográfico contido na teologia de Lactâncius, que foi preceptor justamente do filho do Imperador Constantino. Para Lactâncio, a “*ignorância geográfica era uma virtude agradável a Deus*” (Hermann, 1968, p.413, v.I). Lactâncio ainda ridicularizava a afirmação de que a Terra era esférica, além de afirmar que a ciência era uma atividade “*tola e falsa*” (Unwin, 1992, p.59). A filosofia de Agostinho (354-430) em *Confissões* é um combate à multiplicidade dos deuses – às idolatrias –, às investigações astrológicas das quais resultaram progressos na astronomia e na cartografia matemática, à tradição gnóstica expressa em diversas seitas e à habilidade discursiva herdada da antiguidade. A situação geral era que o império

romano estava em declínio e os horizontes geográficos da inquirição geográfica se encurtavam e isto se prolongaria por séculos na Europa.

No século IV *dC* registra-se o início de uma tradição de Geografia histórica cristã. Exemplo é o trabalho sobre a toponímia bíblica, o *Onomastikon*, de Eusébios, Bispo de Caesarea, um estilo de trabalho que não desaparecerá de todo na Idade Média e que ajuda a entender por que os monastérios preservaram documentos cartográficos e geográficos. Estes estudos – Geografia bíblica ou sagrada – ganharam impulso nos séculos 16 e 17, tanto entre protestantes quanto entre católicos (jesuítas, por exemplo). Muitos cartógrafos, como lendário Mercator, começaram suas carreiras produzindo mapas da Terra Santa (Butlin, 1993, p.2-3). Na opinião de Dainville – expressa no seu estudo sobre a geografia ensinada pelos jesuítas nos séculos 16 e 17 (Dainville, 1940, cit. por Butlin, 1993, p.3) –, estes religiosos se interessavam pelo assunto da Geografia, fosse sagrada ou não, para ensinar nas suas escolas; e os protestantes também sustentavam grande interesse pelas características geográficas dos lugares santos citados no *Velho* e no *Novo Testamento*.

Rigidez teológico-doutrinária à parte foram, entretanto, os monges cultos que preservaram nos monastérios os trabalhos geográficos antigos que expressavam pontos de vista pagãos (Kimble, 2005, p.23). Não custa observar que idéias prevaletentes na teologia medieval – baseada nas Escrituras, como a da separação do homem da natureza (cisão cultura e natureza)<sup>3</sup>, ou da Terra feita para o homem explorar visando atender às suas necessidades e nela se multiplicar – vieram a ter conseqüências posteriores sobre a cosmovisão geográfica moderna (Unwin, 1992, p.60), como a sua direção desenvolvimentista e predatória (progresso), uma cosmovisão que hoje se tornou objeto de discussão no campo da ecologia filosófica e teológica. É o caso da emergente *deep ecology*, termo usado pela primeira vez pela filósofa ambiental Arne Naess, de largos significados éticos e políticos. A ecologia radical repensa as identidades nas relações entre o homem e a Terra que foram sedimentadas tradicionalmente pela cultura teológica e mesmo pelo humanismo. A ecologia radical postula que a natureza tem um valor próprio e em si mesma, não sendo simplesmente um instrumento para atender às necessidades humanas (Gotlieb, 1996, p.405)<sup>4</sup>.

Os mapas medievais cristãos eram em geral sem coordenadas, e apresentavam uma combinação de observações de lugares e mitologia cristã. O cultivo das ciências começa a ressurgir a partir do século 12 e as sementes latentes e vias seculares do gnosticismo acabam sendo reavivadas. Não havia, por então, geógrafos de maneira formal, e foi o monge Maximus Planudes (1260-1310) que descobriu em Constantinopla um manuscrito de Ptolomeu, mas sem o mapa. Em 1406, Jacopo d'Angelo traduziu o trabalho de Ptolomeu para o latim (Holt-Jensen, 1988, p.14; Unwin, 1992, p.61), e há registro da tradução da obra do latim para o italiano em 1482 (Lencioni, 2003, p.57). A Itália – Gênova, Florença, Veneza – é por então o grande centro do Renascimento, e uma das conseqüências do Renascimento foi a aventura geográfica para o Atlântico, o oceano que

---

<sup>3</sup> Visão contestada pelo Newton naturalista em seus documentos alquímicos.

<sup>4</sup> Thomas Berry, no seu artigo *Into the Futur* (Berry, 1996), considera as atitudes tradicionais diante da natureza, incluindo teológicas e que levaram à sociedade industrial e suas trágicas conseqüências ambientais, resultado de uma patologia cultural profunda, exigindo uma urgente e profunda terapia cultural. Seria necessária uma reavaliação da história do universo considerando-o como auto-referente, ou seja, como norma de realidade e valor: “O universo é o único texto sem contexto” (Berry, 1996, p.414).

aterrorizava os árabes, mas não a cristandade européia. Iniciava-se a etapa civilizatória européia.

Atribui-se ao médico florentino Paulo Toscanelli, reconhecido então como o grande estudioso do Oriente, a decisiva influência no convencimento das cortes ibéricas para que tentassem chegar ao oriente navegando para oeste, isto é, navegando pelo Atlântico. Em carta-resposta que enviou a um velho amigo, que era o sacerdote-confessor de Afonso V, rei de Portugal, carta datada de 25 de junho de 1474, Paulo Toscanelli foi enfático acerca do assunto sobre o qual era perguntado: “*não cabe dúvida sobre esta rota*” (transcrito por Hermann, 1968, p.32-35, v.I). As viagens de Colombo (1492, América), de Vasco da Gama (1497-99, périplo africano), de Cabral (1500, Brasil), F. Magalhães (1519, volta ao mundo), e as redes comerciais permanentes que se constituíram em seguida, forçaram uma revolução no mapa-mundo de Ptolomeu. Começa então uma nova fase para a cartografia.

Os locais ou nichos para o aperfeiçoamento da cartografia, assim como para a ampliação das reflexões sobre as características naturais e culturais dos novos mundos descobertos, vão se deslocando e subindo do Mediterrâneo para a Europa do Norte. Isto corresponde ao acompanhamento das histórias cíclicas de expansão, desenvolvimento, apogeu e declínio das potências imperiais. Os estados que foram protagonistas na construção das ciências do Iluminismo e da expansão imperial, nos séculos 18 e 19, lançarão as bases da Geografia moderna. Assim, esta Geografia moderna será um estilo de saber geográfico que emergirá no centro ou *core* cultural europeu (Stoddart, 1982).

## Conclusões

Percorrer experiências diversas de saber geográfico propicia uma visão menos dominada pelos imperativos do estado atual da disciplina. Lactâncius, com o seu elogio à ignorância geográfica, apresentou um dilema que o racionalismo e o cientificismo dogmáticos dos últimos séculos trataram de encobrir, mediante o imperativo dogmático das vantagens absolutas da irrestrrição à ciência e ao saber. A recoleta do pensamento de Lactâncius não é estéril; suas apreciações não são um passado morto. Isto se torna evidente com as possibilidades atuais de manipulação genética do próprio homem – através do diagnóstico genético pré-implantação –, homem que em suas articulações sociais constrói e mantém a teia de relações com o meio ambiente e o espaço geográfico. Ao invés da dogmática aceitação da tese da irrestrrição à ciência e ao saber, mais razoável seria, e menos contra-intuitivo – para usar uma expressão e uma ferramenta crítica de Habermas (2004, p.52) –, evitar o total esquecimento das cogitações de Lactâncius. Presentemente, há condições para que seja removida do indivíduo que nasce a sua própria autenticidade genética, com conseqüências éticas, demográficas, políticas, culturais, etc. A questão da irrestrrição à ciência continua controversa, como o era ao tempo de Lactâncius. As agendas ambientais, por seu turno, precipitaram uma série de reavaliações sobre as relações entre as doutrinas teológicas do papel e direitos da humanidade no planeta, e a conservação da natureza. As motivações religiosas, por outro lado, ajudaram na manutenção, através dos monges, do saber geográfico clássico ao longo da Idade Média, e não foram os centros católicos medievais impermeáveis todos e de forma absoluta ao que se fazia no Islã.

A China histórica demonstra, assim como o fizeram outras civilizações, o papel central do trabalho geográfico como produzindo artefatos mentais e materiais essenciais ao funcionamento dos estados, dos impérios, da administração pública e dos negócios. Em

outras palavras, o reconhecimento, a classificação e os esforços para entender o mundo físico, cultural e as diferenças regionais. E, associadamente, a China histórica demonstrou a transmissão ou a difusão interimperial das técnicas, de um lado para outro do mundo. Os registros corográficos e cartográficos minuciosos apresentam uma funcionalidade orgânica nas civilizações, de maneira que um excedente é sempre destinado para suportar aqueles trabalhos pacientes de reconhecimento da superfície da Terra, as secções territoriais desconhecidas ou menos conhecidas. Não é sem razão que Livingstone (1978) afirmou que Geografia – tal como a linguagem e a arte – existem por causa do “outro”. As civilizações irrigaram umas às outras com conhecimentos geográficos, como é provável ter acontecido com a técnica das coordenadas geográficas, que teria chegado à cartografia chinesa vinda do mundo greco-romano a partir dos negócios da seda entre a China e o Mediterrâneo, negócios intensificados com o Imperador Wu-ti, em torno de 100 aC. A teoria da esfericidade da Terra, adotada pela escola Hun Tien no século 2 dC, teria percorrido a mesma rota. No começo do século 14, o mapa de Chu Ssu-Pen (1273-1337 dC) – que pela primeira vez representa a África com o vértice voltado para o sul –, evidencia mais uma vez estas intercomunicações na transmissão do saber geográfico entre povos e civilizações.

## **Referências**

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona (354-430) **Confissões**. São Paulo, Paulus, 1997 (trad. Maria Luíza J. Amarante).

Barros, N.C. (2004) ‘Notas sobre contribuições da antiguidade clássica ao pensamento geográfico’. **Revista de Geografia** 21(2):77-84, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Berry, T. (1996) ‘Into the Futur’, in: Gottlieb, 1996, pp.410-414, op.cit.

Butlin, Roblin (1993) **Historical Geography: through the Gates of space and time**, London, Eduard Arnold.

Claval, Paul (2002) ‘A Revolução Pós-Funcionalista e as Concepções Atuais da Geografia’, in: Mendonça, F. & Kozel, S. org. **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba, Editora da Universidade F. do Paraná, pp.11-43.

Clozier, René (1972) **História da Geografia**. Lisboa, Europa-América.

Dainville, F. de (1940), **La Géographie des Humanistes**. Paris, Beauchesne at Fils.,cit. por Butlin, 1993, op.cit.

Gottlieb, Roger, org. (1996) **This Sacred Earth: religion, nature and environment**. London, Routledge.

Habermas, Jürgen (2004), **O futuro da natureza humana**. São Paulo, Martins Fontes. (trad. Karina Jannine, revisão de Eurídes Souza).

Hermann, P. (1968) **História dos descobrimentos geográficos**. Barcelona: Editorial Labor. 3 vols.

Holt-Jensen, A . (1988) **Geography: history and concepts**. London, Paul Chapman.

Kimble, G.H. (2005). **A Geografia na Idade Média**. Londrina, Eduel (trad. do original inglês publicado em 1938).

Lencioni, S. (2003) **Região e geografia**. São Paulo, Edusp.

Livingstone, D. (1978) 'Reproduction, representation and authenticity: a rereading'. **Transaction of the Institute of British Geographers**, 23 (1): 13-19.

Needham, J. & Wang Ling (1970) **Science and Civilization in China**. Cambridge University Press, vol.3 (mathematics and the sciences of the heavens and the earth), cit. por Unwin, 1992, op.cit.

Stoddart, D. (1982) 'Geography – an European science'. **Geography**, vol. 67:289-296.

**The Travels of Marco Polo** (1984). London, Sidgwick & Jackson, 1984.

Unwin, T. (1992) **The place of Geography**. New York, Longman.

